

QUANDO A GUERRA TESTA A CREDIBILIDADE DE UMA SUPERPOTÊNCIA: LIÇÕES ESTRATÉGICAS DO CONFLITO COM O IRÃ

Vitórias táticas dominam manchetes, mas o sucesso estratégico é medido pela capacidade de moldar resultados políticos. No confronto entre os Estados Unidos e o Irã, destruir ativos militares é mais fácil do que remodelar realidades políticas – e destruir capacidade de fogo não significa alterar cálculos estratégicos de um adversário determinado.

Ghadir Golkarian*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

As guerras raramente são lembradas pelo número de mísseis disparados ou alvos destruídos. A história as julga por um critério diferente: se o poder militar, em última análise, alcança objetivos políticos. Vitórias táticas podem dominar as manchetes, mas o sucesso estratégico é medido pela capacidade de moldar resultados políticos e estabelecer um equilíbrio de poder mais favorável. Uma vez compreendida essa distinção, a questão central em torno do recente confronto entre os Estados Unidos e o Irã torna-se clara. A questão não é mais quem possui maior capacidade militar, mas se Washington conseguiu traduzir sua esmagadora superioridade militar em ganhos estratégicos duradouros.

Esse debate não se restringe mais a Teerã ou aos críticos da política externa americana. Ele tem ganhado espaço, cada vez mais, no discurso ocidental predominante. Uma análise recente do *New York Times*, baseada em avaliações de ex-diplomatas, autoridades de segurança e especialistas na região, argumenta que, apesar de meses de operações militares, os Estados Unidos têm tido dificuldade em alcançar os objetivos políticos que inicialmente justificaram o conflito. Independentemente de se concordar totalmente com essa avaliação, sua importância reside em outro ponto: mesmo em círculos influentes de formulação de políticas no Ocidente, surgem questionamentos sobre a eficácia da coerção militar como instrumento de sucesso estratégico.

Essa distinção não é nova. Há mais de dois séculos, Carl von Clausewitz argumentou, de forma célebre, que a guerra é apenas a continuação da política por outros meios. Sua observação permanece notavelmente relevante hoje. A força militar não é um fim em si mesma; ela só tem valor na medida em que promove objetivos políticos. Quando a superioridade militar não consegue alterar os cálculos políticos de um adversário, o conflito prolongado corre o risco de se tornar um exercício de desgaste estratégico, em vez de um caminho para uma vitória decisiva.

Os acontecimentos recentes parecem ilustrar exatamente esse dilema. Embora as operações militares possam ter degradado elementos da infraestrutura de defesa do Irã, elas não alteraram fundamentalmente o processo de tomada de decisão política de Teerã nem eliminaram sua capacidade de influenciar a dinâmica de segurança regional. Em vez de produzir uma capitulação estratégica, o conflito reforçou uma lição conhecida da guerra moderna: destruir ativos militares é, muitas vezes, mais fácil do que remodelar realidades políticas.

ALÉM DO PODER MILITAR

Um dos equívocos persistentes na política internacional é a tendência de equiparar força militar a influência estratégica. Pensadores realistas clássicos, como Hans Morgenthau, reconheciam que as capacidades militares constituem apenas uma dimensão do poder nacional. Coesão política, resiliência econômica, flexibilidade diplomática, vantagens geográficas e legitimidade pública são componentes igualmente importantes da capacidade de um Estado de sustentar a competição. Joseph Nye posteriormente ampliou essa compreensão por meio de seus conceitos de *soft power* (poder brando) e *smart power* (poder inteligente). Segundo Nye, uma influência duradoura depende não apenas de coerção, mas também de persuasão, credibilidade e da capacidade de atrair cooperação. Estados que dependem exclusivamente da força militar frequentemente descobrem que a

superioridade no campo de batalha não consegue compensar o declínio da legitimidade política ou a diminuição da confiança internacional.

O conflito envolvendo o Irã parece reforçar essa perspectiva teórica mais ampla. A questão estratégica já não é se os Estados Unidos possuem capacidades militares inigualáveis - eles inegavelmente as possuem –, mas sim se essas capacidades continuam a gerar os resultados políticos esperados de um líder global. A resposta parece, cada vez mais, ser mais complexa do que muitos formuladores de políticas supunham inicialmente.

O ESTREITO DE ORMUZ: A GEOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA

Talvez nenhum aspecto do conflito ilustre melhor a relação entre geografia e estratégia do que o Estreito de Ormuz. Ele é frequentemente descrito apenas como um dos corredores energéticos mais importantes do mundo; no entanto, tal descrição subestima sua relevância geopolítica.

Ormuz não é meramente uma passagem marítima; é um ponto de pressão estratégica. Qualquer incerteza em torno de sua segurança afeta imediatamente os mercados globais de energia, os custos de transporte marítimo, os prêmios de seguro e a economia internacional como um todo. Consequentemente, o Estreito tornou-se mais do que uma via navegável regional: representa um dos ativos estratégicos mais significativos do Irã.

Isso explica por que, apesar de meses de confronto militar, as discussões sobre Ormuz continuam a ocupar um lugar central nos cálculos diplomáticos. Enquanto Teerã mantiver a capacidade de influenciar a dinâmica de segurança no Estreito e em seu entorno, preservará uma importante fonte de influência estratégica que não pode ser facilmente neutralizada apenas por meios militares.

**Prof. Dr. Ghadir Golkarian é pesquisador e autor iraniano radicado na Turquia e no Chipre. Nasceu em Tabriz, Irã, em 1964. É acadêmico especializado em Ciência Política, Literatura Oriental e Linguística e professor universitário de relações internacionais. Como analista político, escreveu artigos para a BBC, Euro News Persian, Cyprus News e Asr Azadi Online, entre outros. Suas áreas de especialização abrangem o programa nuclear do Irã, as relações Irã-Israel, literatura persa e turca e política do Oriente Médio.*
